



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 2, volume 4, article nº 13, April/June 2017

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v4n2a13>

Accepted: 20/02/2017 Published: 22/06/2017

RESISTANCE BEYOND THE THEME: AN ANALYSIS OF THE PRESENCE OF THE ANTI-*ETHOS* IN *AQUARIUS*

RESISTÊNCIA PARA ALÉM DO TEMA: UMA ANÁLISE DO ANTI- *ETHOS* EM *AQUARIUS*

Kárin Klem Lima¹

Mestranda em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Sérgio Arruda de Moura²

Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ

Abstract: This article intends to study the meaning effects generated by the incorporation of a critique excerpt made by the journalist Reinaldo Azevedo in the promotional poster of the movie *Aquarius*, released in 2016. The controversy generated by the presence of this statement in the poster stimulates the discussion about how the cinema can be considered a device to construct portraits of contemporary Brazilian society and how their discourses can surpass the narrative, acquiring a symbolic dimension that reaches beyond the movie screen. To discuss these issues, the article will conduct a discussion about the film and the related controversial episodes reported in the media. On the following, it will analyze how *Veja* and its columnist Reinaldo Azevedo have approached these episodes. For the conclusion, it will analyze the movie promotional poster and the discursive effects generated by the presence of the journalist's quote on the piece.

Keywords: media; discourse analysis; discursive *ethos*.

Resumo: O presente artigo busca estudar os efeitos de sentido gerados a partir da incorporação do trecho de uma crítica do jornalista Reinaldo Azevedo no cartaz promocional do filme *Aquarius*, de 2016. A polêmica gerada pela presença desse enunciado no cartaz abre campo para a discussão sobre o cinema como dispositivo para trabalhar retratos da sociedade brasileira contemporânea e como seus discursos podem ultrapassar a narrativa, adquirindo uma dimensão simbólica para além das telas. Para discutir tais questões, realizaremos uma discussão acerca do filme e dos episódios polêmicos a ele relacionados

¹ Mestranda em Cognição e Linguagem, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade, pelo Instituto Federal Fluminense (IFFluminense), klemkarin@gmail.com

² Sou doutor em Literatura Comparada pela UFRJ (1992), áreas de interesse: linguagem, discurso, análise de discurso e cidade, arruda.sergio@gmail.com

noticiados pela mídia. Em seguida, analisaremos como a *Veja* e seu colunista Reinaldo Azevedo trabalharam esses episódios. Por fim, analisaremos o cartaz do filme e os efeitos discursivos gerados pela presença da citação do jornalista no cartaz do filme.

Palavras-chave: mídia; análise do discurso; *ethos* discursivo.

INTRODUÇÃO

“Saboreio o reino das fórmulas, a derrubada das origens, a desenvoltura que faz vir o texto anterior do texto ulterior” (BARTHES)

Ao longo do ano de 2016, o filme *Aquarius* (2016) protagonizou uma série de episódios polêmicos, que voltaram os olhos da mídia e da crítica para a obra e levantaram algumas discussões sobre a relação entre cinema, política e sociedade. O segundo longa-metragem do diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho conta a história de Clara (interpretada por Sônia Braga), uma crítica de música aposentada, que defende o apartamento onde viveu por toda sua vida da forte pressão de uma construtora que deseja demolir o edifício Aquarius para a construção de um grande empreendimento imobiliário.

O ato que iniciou essa série de polêmicas foi o protesto realizado pela equipe do filme no Festival de Cannes³ contra o processo de impeachment da presidenta afastada à época, Dilma Rousseff, no dia da sessão de apresentação do filme no Festival. O protesto foi amplamente noticiado na mídia – nacional e internacional. No Brasil, o jornalista e colunista da revista *Veja* Reinaldo Azevedo tomou o filme como uma espécie de representante do modelo do “governo Dilma” e iniciou uma série de publicações combativas ao filme, propondo, inclusive, o boicote a *Aquarius*. Tal proposta foi levada ao cartaz promocional do filme, onde lê-se, em meio a críticas positivas à obra a citação: “O dever das pessoas de bem é boicotar ‘Aquarius’”, frase do jornalista em um de seus textos publicados em sua coluna no site da referida revista.

Diante dessas percepções, o presente artigo utilizará a Análise do Discurso (AD) como norte para estudar o jogo interdiscursivo gerado pelo enunciado do jornalista no cartaz do filme. Há um dialogismo presente nesse processo e um

³ O Festival de Cannes é considerado um dos mais prestigiados da categoria. Site oficial: <<http://www.festival-cannes.com/fr/>>. Acesso: 27/11/2016.

interdiscurso que retoma discursos maiores, da própria resistência, tema central da obra. Conforme explica Orlandi (2007, p. 26), a “análise do discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Além disso, segundo Gregolin (2007, p.13),

a análise do discurso (AD) é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise desses acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Por isso, os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais.

Para estruturar tal estudo, será analisada a constituição do *ethos* discursivo nas publicações do jornalista Reinaldo Azevedo sobre a obra, levando em consideração seu contexto imerso em um veículo que converge em um mesmo pensamento ideológico. Para isso, serão analisadas a abordagem das matérias publicadas no site da revista *Veja* sobre os episódios envolvendo a obra, e a desconstrução promovida pela transposição da frase para o cartaz promocional do filme.

1. Cinema e o discurso sobre a sociedade: *Aquarius* como símbolo de resistência

Aquarius fala de memória, história, resistência e especulação imobiliária, embora, ao longo da narrativa, outros temas sejam evocados à trama, conferindo à Clara complexidade, experiência, força e autoridade para resistir e lutar contra a pressão e assédio da construtora.

O longa-metragem do diretor, que já trabalha retratos da sociedade brasileira contemporânea em suas obras, salta das telas para a crítica e depois para a polêmica para além da obra, o que acabou favorecendo-o. Apesar de uma carreira relativamente nova como diretor, Kleber Mendonça Filho vem, desde suas produções com curtas-metragens, chamando a atenção da crítica⁴ para seus

⁴ Essa concepção sobre o diretor é trabalhada em críticas sobre seus filmes, como em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202700/criticas-adorocinema/>> (acesso: 26/11/2016) e na própria crítica ao filme veiculada no site da *Veja*, disponível em <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/sonia-braga-brilha-em-aquarius-aplaudido-em-cannes/>>

trabalhos, que evidenciam a percepção do cinema como um dispositivo cuja narrativa produz perspectivas sobre a estrutura do país e o funcionamento da sociedade brasileira.

Selecionado para concorrer ao prêmio de Palma de Ouro, principal premiação do Festival de Cannes, *Aquarius* ganhou uma dimensão simbólica para além da obra, devido ao protesto feito pela equipe no dia da sessão de apresentação do filme no Festival contra o processo de impeachment da presidenta afastada à época, Dilma Rousseff (Figura 1). O ato foi amplamente veiculado na mídia nacional e internacional e gerou uma série de manifestações de apoio e revolta por parte da mídia e de artistas. Para os fins de análise deste artigo, serão analisadas somente as publicações feitas no site da revista *Veja*, conforme explicado anteriormente.



Figura 2 – protesto da equipe do filme *Aquarius* no Festival de Cannes, em 2016.

Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/pro-impeachment-defendem-boicote-a-filme-com-sonia-braga/>>. Acesso: 26/11/2016.

Entre os meses de maio e outubro de 2016, foram veiculadas vinte matérias sobre o filme, acompanhando, em sua maior parte, todos os desdobramentos gerados pelo protesto em Cannes. Além das matérias, o filme foi tema de três

(acesso: 15/10/2016.

diferentes colunas, com destaque para a coluna do jornalista Reinaldo Azevedo, que publicou, no mesmo período, nove textos sobre o filme com teor bastante combativo.

Após o protesto, *Aquarius* protagonizou uma série de episódios, dados como políticos pela *Veja*: a classificação indicativa do filme, censurado pelo Ministério da Justiça, em um primeiro momento, para maiores de 18 anos⁵ e depois reduzida para 16 anos⁶; a desistência de alguns cineastas da seleção para a representação do Brasil na indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro⁷; e a própria saída de membros da comissão dessa seleção⁸. Esses desdobramentos, noticiados no site da revista, são enunciados pelo veículo como efeitos provocados pelo protesto em Cannes. Toda a discussão, comoção e ações desencadeadas por posicionamentos contrários e a favor do filme atribuem uma dimensão simbólica à obra. O tema da resistência ultrapassa a obra, e *Aquarius* passa a ser um lugar de resistência, nos moldes de sua protagonista Clara.

Antes do evento, apenas três matérias foram publicadas – uma sobre a produção do filme e duas, na mesma data, falando sobre sua seleção para o Festival. Após o protesto, a *Veja* vem acompanhando todos os episódios envolvendo *Aquarius*, inclusive suas premiações. Nos textos, é possível perceber marcas discursivas que apontam o posicionamento do veículo diante do cenário político e da relação do filme com esse cenário, dentre os quais destaca-se a associação dos números de bilheteria do filme às controvérsias em torno dele, como acontece no trecho abaixo:

Para além do falatório político, *Aquarius* é um bom filme, com qualidades e defeitos que fazem dele não uma obra-prima do cinema nacional, mas um título marcante, que será lembrado por sua boa participação em festivais e também pela polêmica prévia ao lançamento. Uma pena. *Aquarius* deveria ser memorável por sua boa técnica de filmagem e por dar novamente à Sônia Braga o lugar que lhe pertence: o centro dos holofotes⁹.

⁵ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/ministerio-censura-filme-de-kleber-mendonca-filho-para-menores-de-18/>>. Acesso: 15/10/2016.

⁶ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/governo-recua-e-reduz-classificacao-de-aquarius-para-16-anos/>>. Acesso: 09/11/2016.

⁷ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/por-aquarius-cineastas-retiram-filmes-da-disputa-pelo-oscar/>>. Acesso: 15/10/2016.

⁸ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/com-polemica-de-aquarius-ingra-lyberato-deixa-comissao-do-oscar/>>. Acesso: 15/10/2016.

⁹ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/sonia-braga-da-beleza-a-realidade-crua-de-aquarius/>>. Acesso: 15/10/2016.

O trecho condiciona parte do sucesso dos números de bilheteria – tema da matéria – a todas as polêmicas aqui elencadas. É possível observar nas matérias analisadas como o veículo toma o evento em Cannes como agente de toda repercussão midiática do filme, por vezes, desqualificando-o em referências como “controverso”, “exagero” ou “barulho”: “Exagero ou não, o barulho deu certo”¹⁰. A qualidade do filme é considerada “boa”, mas insuficiente para ser uma “obra-prima do cinema nacional”, opinião presente em uma das poucas matérias assinadas da *Veja* (a maior parte fica assinada como “da redação”) e que se opõe a posicionamentos de júris e críticos especializados (nacionais e internacionais), também publicados em outras matérias do site, como no exemplo abaixo:

Nós ficamos impressionados com um filme que junta de maneira muito elaborada uma das maiores formas de dominação no nosso mundo de hoje com uma história muito pessoal. Nosso vencedor é um filme de múltiplas camadas que habilmente retrata um entendimento crítico dos traumas da história colonial. Também é uma história de sensualidade, desejo e poder pessoal.

Na contramão dessas opiniões, percebemos marcas discursivas que recorrentemente associam *Aquarius* em virtude do protesto contra o impeachment, que reforça a polarização política vivida atualmente pelo país e que é reduzida genericamente pelos discursos viralizados nas mídias, nas redes sociais, nas rodas de conversas informais e em tantos outros lugares a dois grupos: “petistas” e “anti-petistas”.

O posicionamento da revista *Veja* exemplifica as relações de uma mídia com uma determinada formação discursiva. Segundo Foucault (*apud* Maingueneau, 1997, p. 14), a formação discursiva (FD) representa

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Conforme explica Paulon, Nascimento e Laruccia (2014, p.28), “a formação discursiva é permeada pela noção de formação ideológica – perspectiva de mundo de uma determinada classe social – que estabelece o que pode e o que deve ser dito a partir de uma conjuntura dada”. Apesar das ideias de neutralidade e

¹⁰ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/governo-recua-e-reduz-classificacao-de-aquarius-para-16-anos/>>. Acesso: 09/11/2016

objetividade de visão de mundo atribuídas a um veículo midiático, as matérias publicadas no site deixam marcas de um discurso cheio de ideologias divergentes ao ato em Cannes. Se tomamos a revista como um espaço construído por vários segmentos (editorias, colunas, tipos de informação presentes no site), essas ideologias ficam ainda mais explícitas na coluna do jornalista Reinaldo Azevedo. O espaço da coluna permite-lhe a publicação de suas opiniões pessoais de maneira mais direta, sem necessidade de seguir a premissa da neutralidade e da imparcialidade do discurso jornalístico.

Quando saímos do espaço da editoria de entretenimento, lugar de publicação das matérias em análise, e nos direcionamos para a coluna do jornalista, vemos a construção do *ethos* discursivo, ou seja, de um “autorretrato discursivo”, “a imagem de si que o orador cria através do discurso e, não significa, necessariamente, ser o caráter real do orador” (Fiorindo, 2012, p. 3). Para Maingueneau (*apud* Fiorindo, 2012, p. 4), o *ethos* é construído no âmbito da atividade discursiva, sendo a imagem de si um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa e se mostra através do seu discurso. As pistas dessa imagem de si podem ser observadas pelas escolhas linguísticas feitas por ele durante o processo discursivo.

Na coluna, o ato em Cannes foi um provocador para a produção dos textos, que não configuram matérias, mas artigos de opinião sobre o filme. A partir dele, o jornalista acompanha cada desdobramento e tece uma investigação acerca de irregularidades envolvendo o diretor Kleber Mendonça. No primeiro texto, Reinaldo Azevedo coloca no título a frase que posteriormente será incorporada ao cartaz do filme: “Assim que ‘Aquarius’ estreiar no Brasil, o dever das pessoas de bem é boicotá-lo. Que os esquerdistas garantam a bilheteria”¹¹.

Para fundamentar seu chamamento, o jornalista opera com estereótipos do tipo “pessoas de bem” e “esquerditas”, reforçando a dicotomia maniqueísta entre correntes de pensamento e posicionamento político nacional, atribuindo também juízos de valores (os esquerdistas seriam “pessoas do mal” em oposição ao público que ele deseja adesão a seu pedido de boicote).

¹¹ Fonte: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/assim-que-aquarius-estrear-no-brasil-o-dever-das-pessoas-de-bem-e-boicota-lo-que-os-esquerdistas-garantam-a-bilheteria/>>. Acesso: 09/11/2016.

O boicote, por sua vez, não visa atingir o filme, mas o posicionamento e conduta da equipe do filme ao protestar em um evento como o Festival de Cannes, comportamento reprovado pelo jornalista. Nas redes sociais, repercutiu um movimento dos internautas que incorporaram a *hashtag* #BoicoteAquarius em suas postagens. O movimento foi noticiado pela *Veja*¹² sem estabelecer qualquer conexão com a coluna do jornalista.

2. Palavra e poder em luta: o anti-*ethos* e uma anti-propaganda no cartaz do filme

Para Maingueneau (2004, p. 59), “todo texto pertence a uma categoria de discurso, que varia de acordo com as necessidades da vida social, ou seja, pela função social a ser contemplada”. Nessa perspectiva, um cartaz promocional de filme é um modo de comunicação e de enunciação socialmente reconhecido, que visa à divulgação do filme. De caráter mais publicitário, mais comercial, a peça é constituída por elementos verbo-visuais e seu objetivo está em trazer informações que criem um envolvimento com o espectador em potencial e despertem o interesse do mesmo para o filme.

Os gêneros do discurso regulam “o como” da enunciação sempre em relação a um outro, ou seja, não basta querer dizer, é preciso saber o que se pode dizer, o que se deve dizer e como dizer-se-á. Tudo depende do contexto em que se está inserido, do lugar que se ocupa socialmente, da imagem (de si) que se quer construir (ou desconstruir) e com que intenção, mas sempre em relação a um outro, já que o maior objetivo é estabelecer uma interação verbal, a partir da e/ou na qual seja possível uma construção assertiva de sentidos. A adaptação do dizer é o dito, ainda que não-dito (Paulon et al., 2014, p. 42).

Em resposta, irônica, ao pedido de boicote ao filme, feito por Reinaldo Azevedo, a polêmica frase foi incorporada ao cartaz promocional do filme junto a três outras críticas elogiosas. O cartaz traz, logo no topo, o símbolo máximo de aprovação da crítica de um grande veículo, o *Segundo Caderno* do jornal *O Globo*, junto à informação numérica de um quantitativo expressivo de espectadores. Logo abaixo, uma imagem da protagonista Clara, na figura emblemática de Sonia Braga,

¹² Fonte: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/pro-impeachment-defendem-boicote-a-filme-com-sonia-braga/>>. Acesso: 09/11/2016.

atriz internacional, cujo nome já é um chamariz para o filme. Ao lado dessa imagem, ocupando o mesmo espaço de informação temos quatro citações, compostas pelo encadeamento de três citações de críticos da área e a polêmica citação do jornalista Reinaldo Azevedo por último, fazendo o desfecho da sequência (Figura 2).



Figura 2 - Cartaz do filme com a citação do jornalista Reinaldo Azevedo

Fonte: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/petralha-de-aquarius-resolveu-usar-meu-nome-para-faturar-uns-trocados-ou-nao-tomo-o-feijao-do-povo-para-financiar-metaforas-vagabundas/>>.

Acesso: 15/10/2016.

De acordo com Samoyault (2008, p. 50), a citação é um “empréstimo literal explícito”. O recurso cria um distanciamento, ou ainda, “o que as aspas dizem é que a fala é dada a um outro, que o autor se abstém de falar em proveito do outro” (Compagnon *apud* Samoyault, 2008, p. 49). As citações conferem validade a todas as demais informações do cartaz e operam como vozes de autoridade, vindas de pessoas conceituadas para emitir tais opiniões e chancelam, portanto, o filme. Na contramão desses discursos, encontra-se ao final a citação de Reinaldo Azevedo.

Essa ação provoca uma ressignificação do sentido original da frase, presente na publicação do jornalista. Para Foucault (*apud* Paulon et al., 2014, p. 29), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou o sistema de dominação, mas aquilo por que se luta, é o poder do qual nos queremos apoderar”, o discurso configura um lugar de disputa pela verdade, conferindo àquele que detém a verdade o poder. A estratégia adotada em resposta à provocação do jornalista contribui para o controle e remediação daquele enunciado, deliberadamente provocando seu autor e ironizando os efeitos negativos propostos no discurso primeiro.

Quando entrevistado sobre o assunto, o cineasta Kleber Mendonça Filho disse que “a ironia é um instrumento muito importante (...) Reinaldo tem uma linha distante do que a gente acredita, do ponto de vista de sociedade e democracia. O chamado dele para boicote é uma grande coisa”¹³. Há, portanto, um diferencial neste movimento dado ao enunciado em questão: o cartaz traz uma anti-propaganda. O fiador está na figura de um jornalista controverso pela livre expressão de um pensamento político nitidamente divergente do posicionamento sustentado pela equipe do filme.

Da mesma forma que há o par opositivo na trama, que põe em marcha a narrativa fílmica, observamos um outro par opositivo construído no cartaz pelo encadeamento das citações da crítica, feito em uma manobra de risco encarada por quem assume a integridade ética do filme. Na ficção, a um *ethos*, que convém a uma refinada jornalista – a protagonista Clara, crítica de arte – contrapõe-se um outro, pragmático, objetivo a serviço de uma construtora a que interessa o empreendimento lucrativo. Todavia, não é este par opositivo que nos interessa. Interessa-nos a crítica (posicionamento) e não a crítica (ajuizamento de valor a um objeto analisado) por um crítico. O encadeamento das críticas no cartaz evidencia essa percepção. O jornalista recomenda rejeitar o filme por ser obra “esquerdista”. Assim, não é o filme que desagrada, mas os gestos “esquerdistas” da equipe em Cannes.

O enunciado do jornalista apostado ao cartaz gera um deslocamento de sentido, ao ilustrar, de forma clara, como os enunciados assumem o *status* de discurso. Se

¹³ Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/09/reinaldo-azevedo-reclama-de-sua-frase-no-cartaz-de-aquarius.html>. Acesso: 09/11/2016.

no *blog* do jornalista o enunciado é uma proposição direta, no cartaz ele é percebido como uma clivagem, um efeito contrário ao pretendido, uma ironia que separa o público leitor da *Veja* e do jornalista e do público espectador de *Aquarius*. A citação no cartaz do filme, dividindo espaço com outras vozes consideradas autoridades no assunto, constrói um “anti-*ethos*” cuja não recomendação promove efeito oposto. Ela é uma “anti-propaganda” que chancela de uma maneira bem diferente as citações dos críticos, constitui argumento final de convencimento do público que rejeita a opinião do jornalista e estimula o consumo do filme.

3. Considerações Finais

O presente trabalho objetivou estudar os efeitos de sentido gerados a partir da citação de um fragmento de texto do jornalista Reinaldo Azevedo no cartaz promocional do filme *Aquarius*, de 2016. A partir da obra, pudemos observar como o cinema nacional, no caso, pode trabalhar narrativas sobre a sociedade brasileira contemporânea. Essas narrativas são discursos e trazem para o universo da ficção retratos expressivos que possibilitam ao espectador tecer leituras críticas sobre as questões sociais sensíveis ao país. O discurso de resistência, tema central do filme, supera a ficção e passa a habitar na imagem construída pelo jornalista Reinaldo Azevedo, que tomou o filme como um representante de um modelo de governo e trabalhou, de maneira combativa, críticas negativas sobre o filme e sobre o modo de produção do cinema nacional, tendo como pano de fundo, um discurso contra o governo da então presidenta afastada Dilma Rousseff.

No discurso do jornalista, percebe-se um *ethos* discursivo do jornalista consonante com o veículo midiático que ele integra, a revista *Veja*. Ao ser inserida junto a citações de críticos de cinema no cartaz promocional do filme, uma das frases mais polêmicas de Reinaldo Azevedo sobre o filme foi resignificada e construiu uma espécie de “anti-*ethos*” sobre sua imagem, gerando um efeito oposto ao proposto em sua publicação original.

Referências

- FIORINDO, P. P. (2012). *Ethos*: um percurso da retórica à análise do discurso. *Revista Pandora Brasil*, 47, 1-8.
- GREGOLIN, M. R. (2007). Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, mídia e consumo*, 4(11), 11-25.
- MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes/Unicamp.
- ORLANDI, E. P. (2007). *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Pontes.
- PAULON, A., Nascimento, J. V., & Laruccia, M. M. (2014). Análise do Discurso: Fundamentos Teóricos-Methodológicos. *Diálogos Interdisciplinares*, 3(1), p. 25-45.
- SAMOYAUULT, T. (2008). *A Intertextualidade*. São Paulo, SP: Aderaldo & Rothschild.